



O DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE UVA: uma análise da competitividade da região do Vale do São Francisco

GT – Economia e Desenvolvimento Regional

Geisa Velozo Amaral¹
Ronisson Lucas Calmon da Conceição²
Renato Droguett Macedo³
Mônica de Moura Pires⁴

RESUMO

O agronegócio brasileiro de frutas tem ganhado cada vez mais destaque na dinâmica econômica do Brasil, tanto pelo aumento do consumo interno quanto pela posição cada vez mais relevante no mercado internacional. Nesse contexto, o presente estudo analisa o desempenho das exportações de uvas, no período de 2005 a 2014, da região do Vale do São Francisco comparando-a à produção das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Para se analisar a competitividade das exportações de uva foram utilizados os indicadores de competitividade de Vantagem Comparativa Revelada (VCR), Taxa de Cobertura (TC), Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC) e Posição Relativa de Mercado (PRM). Os resultados indicam que, para o período analisado, a região do Vale do São Francisco possui maior competitividade no mercado exportador de uvas do país, embora as regiões Sul e Sudeste destaquem-se na produção nacional. Tal fato se deve à distinção do destino da produção, uma vez que o mercado destino dessa produção seja majoritariamente ao mercado interno. Dessa forma, torna-se importante medidas de políticas públicas diferenciadas regionalmente, a fim de apoiar a competitividade da produção de uva, no mercado interno e externo, vislumbrando as especificidades de cada mercado consumidor.

Palavras-chave: Competitividade. Uva. Comércio Internacional.

¹ Discente do curso de Economia do DCEC/UESC. Bolsista FAPESB/UESC. e-mail: geisa_veloso@hotmail.com.

² Discente do curso de Economia do DCEC/UESC. Bolsista PROBEX/UESC. e-mail: ronissonlcdc@gmail.com.

³ Graduado em Economia e Mestrando em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela UESC. Bolsista CAPES. e-mail: renato.droguett@outlook.com.

⁴ DS em Economia Rural. Professora Pleno/Titular do DCEC/UESC. e-mail: mpires@uesc.br.



1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Brasil foi destaque na produção de frutas, ocupando a terceira posição em nível mundial. Em relação à participação do país no mercado internacional, o volume comercializado de frutas só foi superado pela China, Estados Unidos e Índia. De acordo com Fonseca (2010) apud FAO, (2010), em 2008 produziram quase 400 milhões de toneladas de melancias, bananas, maçãs, laranjas e uvas, sendo estas as cinco principais frutas produzidas mundialmente.

Dentro o consumo nacional de frutas, pode destacar a banana, maçã, laranja, mamão e abacaxi com as cinco principais frutas do consumo e oferta brasileira, a uva ocupa a décima primeira posição (AGRONEGOCIO BALANÇO, 2013). Mas ainda sim, a uva é um componente importante na pauta de exportações brasileiras, tem grande potencial de consumo, seja na forma *in natura* (fruta fresca) ou como insumo na cadeia produtiva de vinhos e sucos, além disso, pelas funções nutricionais que possui rica em sais minerais, ferro, cálcio e vitaminas (IBRAF, [s.d]; VELOSO et al., 2008).

Em relação à produção internacional da uva, no ano de 2013, os dez maiores expoentes foram China, Estados Unidos, Chile, Argentina, Índia e Irã. Em relação à Europa, os países da Itália, Espanha, França e Turquia se destacam entre os maiores produtores, pois a produção conjunta destes países alcançou uma oferta de mais de 20 milhões de toneladas. Para o mesmo ano em questão, o Brasil ocupou a 13ª posição entre os produtores mundiais de uvas, perfazendo uma produção total de um milhão de toneladas. As regiões brasileiras produtoras desta fruta estão situadas nos paralelos clássicos da viticultura mundial do Hemisfério Sul, como também com vinhedos destinados à elaboração de vinhos na zona intertropical (FAO, 2015; MELLO, 2009).

A Holanda e o Reino Unido são os maiores demandantes da uva brasileira. No primeiro semestre de 2012, as importações de uva brasileira por estes dois países atingiram 39 mil toneladas, o que representou um aumento de 465 toneladas em relação ao mesmo período do ano anterior. Em relação à produção brasileira de uvas, esta é dividida entre as regiões do Sul, Nordeste e Sudeste. Em nível nacional, no ano de 2013, os estados do Rio Grande do Sul, Pernambuco, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Bahia e Minas Gerais se destacaram como os maiores produtores. Porém, na região sul é o estado do Rio Grande do Sul que possui as



maiores áreas plantadas e a maior produção, representando 55,8% da produção nacional e destacando-se, assim, como o maior produtor de uvas do país (IBGE, 2013).

As primeiras variedades de uva foram introduzidas no Brasil pelos portugueses da Ilha da Madeira em 1532, na região que atualmente é o estado de São Paulo. As primeiras mudas de uvas finas (*Vitis vinifera*) oriundas da Europa foram selecionadas com base em informações e experiência pessoal dos vitivinicultores europeus. No entanto, mais de 300 anos depois é que se inicia a história da produção de uva no Brasil (CAMARGO; TONIETTO; HOFFMANN, 2011).

No Vale do São Francisco a produção de uva é ainda mais recente quando comparada aos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. No entanto, cada vez mais essa região vem expandindo as áreas produtivas com essa fruta, tornando-se um grande competidor na exportação de uvas (TONDATO, 2006). No Brasil, a uva produzida destina-se a dois mercados específicos: vinhos/sucos e uva de mesa. Quanto ao comércio internacional da uva de mesa, existe uma tendência crescente da demanda por este produto, especialmente para a fruta sem semente, que vem conquistando cada vez mais os consumidores europeus.

Visto que o Vale do São Francisco está expandindo sua participação na produção e na exportação de uva e, dada a importância de crescimento do agronegócio como um todo – setor relevante e dinâmico na economia brasileira, gerador de divisas, emprego e renda (MAPA, 2015) –, torna-se importante uma análise do desempenho das exportações de uvas do Brasil, a fim de identificar o posicionamento das principais regiões produtoras, Vale do São Francisco, localizado entre os estados da Bahia e de Pernambuco, no Nordeste do Brasil e dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Visando atingir tal objetivo, pretende-se: i) descrever, sucintamente, a evolução do setor exportador brasileiro de uva nos principais estados produtores de uva no país; e ii) analisar o desempenho das exportações da uva brasileira, fazendo uma análise comparativa da competitividade das principais regiões produtoras do país.

Ressalta-se que pesquisas com este objetivo são relevantes no sentido de orientar e fundamentar a elaboração de políticas públicas cujo intuito seja o de lograr maiores níveis de desenvolvimento econômico, pela contribuição do setor agrícola no comércio internacional. Salienta-se, que existem diversos trabalhos que analisam os mercados agrícolas, dentro da perspectiva teórico-metodológica adotada aqui, especialmente: MOTA; CERQUEIRA;



REZENDE, 2013; FERNANDES; WANDER; FERREIRA, 2008; ILHA; WEGNER; DORNELLES, 2010; PETRAUSKI *et al.*, 2012; CORONEL; MACHADO; CARVALHO, 2009; SILVA; MONTALVÁN, 2005.

Os resultados obtidos podem estimular o setor público na promoção de políticas de inversões de capital para o desenvolvimento de capacidade tecnológica para o plantio de novos vinhedos. No aspecto privado, podem ajudar na tomada de decisões de investimento dos empresários, visto que a região do Vale do São Francisco proporciona duas colheitas de uva por ano, em função da condição edafoclimática local. Isso permite custos menores nos investimentos em estrutura física, o que afeta positivamente a lucratividade do negócio.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Competitividade: breves considerações

O comércio internacional se desenvolveu em pela expansão dos meios de transporte e comunicações, do aumento do consumo e da escassez dos recursos necessários para a produção de alguns bens. Isso fez com que cada país explorasse os recursos que possuíam em abundância e produzisse um excedente que pudesse ser exportado. Essas práticas de exportação foram evoluindo e proporcionando diversas vantagens para os agentes envolvidos nesse intercâmbio (VELOSO *et al.*, 2008).

Nesta perspectiva, cada país se especializou na produção dos bens em que eram mais eficientes, tornando-se competitivos na produção do bem que tinham fator abundante-intensivo. Desta forma, todos os países se beneficiariam com o comércio internacional, mesmo que eles não fossem eficientes na produção de todos os bens (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005).

De acordo com Pinheiro *et al.* (1992), ser competitivo na exportação de um determinado bem depende de diversos fatores, tais como a tecnologia disponível, o modo com qual esta é utilizada pelos agentes econômicos, os preços das matérias primas, as taxa de câmbio, dentre outros elementos. Existem diversas variáveis que influenciam a competitividade e, para os autores, a mensuração do grau de competitividade pode ser analisada sob três aspectos: desempenho, macro e eficiência.



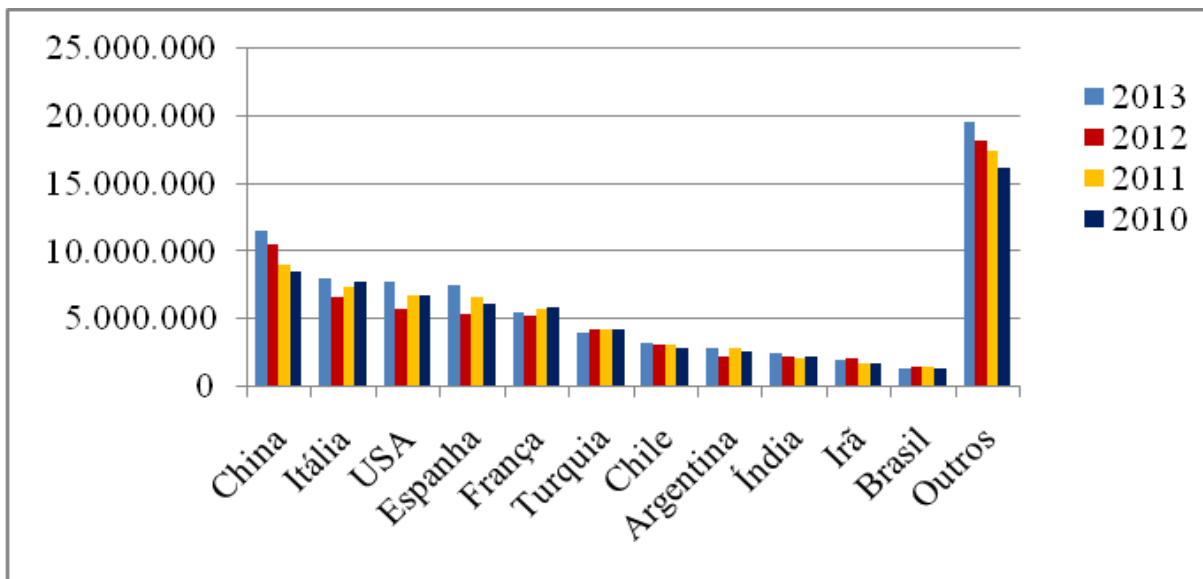
O conceito “desempenho” está associado à competitividade de um país e à sua *performance* no mercado internacional. É um conceito que pode utilizar indicadores para avaliar até que ponto um país ou firma é competitivo. O conceito “macro”, por outro lado, avalia a competitividade a partir de variáveis que interferem nas decisões de política econômica, tais como a taxa de câmbio, os subsídios e incentivos à exportação e a política salarial. Por fim, o conceito “eficiência” se refere à competitividade de uma economia de acordo com suas características estruturais, a produtividade de um bem a níveis de eficiência e qualidade iguais ou superiores ao de seus concorrentes (PINHEIRO *et al.*, 1992).

Assim, neste trabalho, optou-se por selecionar um conjunto de indicadores para analisar a competitividade que, de forma conjunta, possibilitam compreender a evolução do desempenho exportador da uva brasileira no mercado internacional e a observação de seus fatores determinantes.

2.2 Cenário da viticultura brasileira e mundial

A produção mundial de uva vem crescendo nos últimos anos, chegando ao redor de 76 milhões de toneladas no ano de 2013. Dentre os maiores produtores, em 2013, temos China, Itália, Estados Unidos, Espanha, França, Turquia, Chile, Argentina, Índia e Irã. Curiosamente, devido às técnicas de plantios antigas e a tradicionalismo na produção de uva e seus derivados, os três países da Europa (Itália, França e Espanha) se destacam na produção, com cerca de 20 milhões de toneladas nesse mesmo ano devido às técnicas de plantios que os dominam (FAO, 2015), conforme representado na Figura 1.

Figura 1. Produção mundial de uva (em milhões de toneladas), 2010 a 2013



Fonte: FAO, 2015.

A China tem posição de destaque nesse mercado, pois além de maior produtor, ocupa também a posição de maior consumidor de uva de mesa, quando se analisa o período de 2005 a 2013, demandando 7,2 milhões de toneladas em 2013, o que representa 74 % do consumo mundial dessa fruta. Desde 2010 a China lidera o *ranking* da produção de uva no mundo. A Itália, que tem lugar de destaque nesse mercado, vem perdendo posição. Ainda assim, em 2013 os países europeus concentraram a maior produção de uvas, girando em torno de aproximadamente 20 milhões de toneladas (42% da produção mundial), além de ser caracterizada como uma das regiões que possui uvas de melhor qualidade dentre as produzidas mundialmente (FAO, 2015; KREUZ *et al.*, 2005).

No mundo, em 2013 o comércio internacional movimentou cerca de 2,5 milhões de toneladas de uvas frescas, destacando-se Chile, Estados Unidos, África do Sul e Turquia como os principais exportadores, respondendo esses quatro países por aproximadamente, 64% do total (1,6 em milhões de toneladas), que desde 2005 lideram o mercado exportador dessa fruta. Não obstante, mesmo sendo um dos maiores exportadores, os Estados Unidos se posicionam como grande importador de uvas frescas, (24% do volume total - 567.676 mil toneladas, em 2013). São, ainda, importantes importadores de uvas frescas: União Europeia, Rússia, Canadá, China, México, Coreia do Sul e Indonésia (FAO, 2015).



Em 2013, o Brasil ocupou a quarta posição na produção mundial de uva de mesa, com área colhida de 80 mil hectares, e uma produção estimada em um milhão de toneladas anuais, o que permite atender a demanda doméstica e exportar o excedente. O clima favorável e a presença de videiras em alguns estados brasileiros, o plantio de uva é uma atividade em crescimento, sempre apto a ampliar os diversos empregos gerados, bem como contribuir na balança comercial (MAPA, 2007; FAO, 2015; IBGE, 2013).

O aumento da produção de uva tem levado o Brasil a ampliar as exportações desde o ano de 2005, se destacando assim no comércio internacional. Em 2009, houve queda na produção devido às chuvas, o que contribuiu para a redução nas exportações neste mesmo ano. Isso ocasionou a queda de 3,8 % frente ao ano de 2008 com os investimentos na área com uva no Vale do São Francisco. Esse cenário esteve atrelado, principalmente, as chuvas e aos prejuízos registrados em 2008 por conta da crise financeira internacional, que diminuiu a demanda pela fruta, principalmente da Europa (IBRAF, 2010; MELLO, 2008; MDIC, 2015).

Os principais destinos da exportação de uvas brasileira são União Europeia, destacando-se os Países Baixos (Holanda), grande centro redistribuidor de frutas, Reino Unido, Noruega, Alemanha, Suécia, Itália e Lituânia. Na América do Norte, destacam-se os Estados Unidos e Canadá e, no âmbito do MERCOSUL, a Argentina é o principal mercado destino. Além de ser exportador, o Brasil também importa uva de outros países para consumo in natura (uvas de mesa), como Argentina, Chile, Itália, África do Sul e Turquia, cujo volume chegou a 57.908 mil toneladas em julho do ano de 2012 (MDIC, 2015; FAO, 2015).

O setor tem se tornado cada vez mais desenvolvido em função de incremento de novas tecnologias, crédito e divulgação da uva produzida no Brasil, tanto no mercado interno como externo. Apesar da diversidade de tipos de uva produzida, percebe-se que para o setor é importante fatores como investimentos em inovação tecnológica, materiais genéticos mais resistentes e sistemas de produção mais adequados (VELOSO et al., 2008).

De acordo com Guerra et al. (2009), os principais polos de produção e comercialização de uvas no Brasil estão concentrados nos estados do Rio Grande do Sul (destaque para a região da Serra Gaúcha – Vale dos Vinhedos), Santa Catarina, e Vale do São Francisco nos estados de Pernambuco e Bahia. Pode-se observar na Tabela 1 como está dispersa a produção brasileira em nível estadual com destaque para o Rio Grande do Sul que ocupa a primeira posição.



Tabela 1. Produção brasileira de uva por estado (em toneladas.), de 2005 a 2013

Estados	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Rgs	611.868	623.847	704.176	776.027	737.363	692.692	829.589	840.251	808.267
Se	190.660	195.357	193.023	192.976	177.934	177.538	177.227	184.571	204.442
Pe	150.827	155.783	170.326	162.977	158.517	177.790	208.660	224.758	233.832
Ba	109.408	89.738	119.610	97.481	90.508	78.593	65.172	62.292	51.055
Pr	99.253	95.357	99.180	101.500	102.080	103.042	88.171	78.651	101.477
Sc	47.971	47.787	54.603	58.330	67.546	66.214	67.767	71.019	53.153
Mg	14.389	12.318	11.995	13.711	11.773	10.113	9.873	10.831	11.560
Total									
Brasil	1.224.376	1.220.187	1.352.913	1.403.002	1.345.721	1.305.982	1.446.459	1.472.373	1.463.786

Fonte: IBGE ([s.d.]).

Os polos de produção escoam a uva, basicamente, para o mercado interno, enquanto a do Vale do São Francisco, em sua maioria, segue para o mercado internacional, conforme apontam Veloso et al. (2008). Essa região se destaca das demais zonas produtoras do Brasil em uvas de mesa, porque é responsável por 95% das exportações nacionais de uvas finas de mesa, além de fornecer a colheita de duas safras ou mais por ano (MAPA, [s.d]).

3 METODOLOGIA

A delimitação espacial deste trabalho corresponde aos estados brasileiros produtores de uva⁵, compostos pelo Vale do São Francisco (estados de Pernambuco e Bahia), Sul (Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul) e Sudeste (São Paulo e Minas Gerais) do país. O período analisado refere-se a 2005 a 2014.

Para a análise da competitividade brasileira dessa fruta no mercado internacional, foram utilizados os indicadores de competitividade: Vantagem Comparativa Revelada (VCR), Taxa de Cobertura (TC), Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC) e Posição Relativa de Mercado (PRM).

⁵ Neste trabalho foram considerados os seguintes segmentos de produção de uva, de acordo com a Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NMC), adotada pelo AliceWeb: uvas frescas (NCM 08061000) e uvas secas (NCM 08062000).



3.1 Vantagem Comparativa Revelada (VCR)

Esse indicador está fundamentado na Teoria das Vantagens Comparativas desenvolvido pelo economista David Ricardo (1817). O índice de VCR foi proposto por Balassa (1965) para especificar os preços pós-comércio e analisar a vantagem comparativa revelada de um produto em uma região na pauta exportadora. O indicador de VCR é definido de acordo com a equação (1) abaixo:

$$VCR_{ijk} = \frac{\left(\frac{X_{ij}}{X_{ik}}\right)}{\left(\frac{X_j}{X_k}\right)} \quad (1)$$

Em que: VCR_{ijk} = Vantagem Comparativa Revelada do produto i , de uma região j em relação a uma zona de referência k . X_{ij} = Valor exportado do produto i na região j ; X_{ik} = Valor total exportado do produto i na zona de referência k ; X_j = Valor total das exportações totais da região j ; X_k = Valor total das exportações da zona de referência k .

Este indicador varia entre 0 e infinito. Valores maiores que um ($VCR > 1$) indicam que a região j possui vantagem comparativa revelada para o produto i . Valores menores ($VCR < 1$) revelam que a região analisada possui desvantagem comparativa (ILHA; WEGNER; DORNELLES, 2010).

3.2 Taxa de Cobertura (TC)

É um indicador utilizado para verificar se a região ou país é comprador ou vendedor do produto no comércio internacional. É calculado conforme a seguinte equação (2):

$$TC_{ij} = \frac{X_i}{M_i} \quad (2)$$

Em que: TC_{ij} = Taxa de cobertura do produto i da região ou país j ; X_i = Valor das exportações do produto i da região ou país j ; M_i = Valor das importações do produto i da região ou país j .

Se a Taxa de Cobertura for maior que uma unidade, as exportações ultrapassam as importações do produto i do estado ou região j , ocorrendo, portanto, vantagem comparativa no comércio desse produto, e o produto contribuem para aumento da balança comercial. Se o



indicador for menor que uma unidade, há desvantagem comparativa no comércio internacional desse produto, contribuindo, assim para a redução da balança comercial (SOARES; SILVA, 2013).

De acordo com Albuquerque (2010) *apud* Hidalgo (1998), quando os indicadores VCR e TC, para determinado produto i de uma região j , têm valores superiores à unidade, considera-se que o produto é relevante para a economia pelo potencial de comercialização. Por outro lado, quando $VCR < 1$ e $TC < 1$, o produto tem fraca participação na inserção do comércio exterior. E se o produto apresentar apenas um dos dois indicadores inferior à unidade, tal produto é considerado neutro, sendo difícil, por meio desse instrumento identificar a relevância do produto para a economia.

3.3 Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC)

Trata-se de um indicador que contribui na identificação da especialização das exportações e foi definido por Lafay (1990). Consiste na comparação do saldo comercial observado de cada produto, ou grupo de produtos, com o saldo comercial teórico desse mesmo produto. O indicador ICSC de um produto ou de grupo de produtos i , em uma região j , pode ser apresentado da seguinte forma:

$$ICSC_i^t = \left[\frac{100}{\frac{(X_i^t + M_i^t)}{2}} \right] * \left[(X_i^t - M_i^t) - (X^t - M^t) * \frac{(X_i^t + M_i^t)}{(X^t + M^t)} \right] \quad (3)$$

Em que: $ICSC_i^t$ = Índice de Contribuição ao Saldo Comercial do produto i , num período de tempo t ; X_i^t = Exportações do produto (uva brasileira dos estados produtores), em determinado período t ; M_i^t = Importações de uva no estado em determinado período t ; X^t = Exportação total do estado por fluxo de tempo t ; M^t = Importação total do estado, em dado período t .

A interpretação desse indicador se comportada da seguinte maneira: se o índice encontrado for maior que zero, entende-se que o bem analisado possui vantagem comparativa revelada; em contrapartida, se os valores forem negativos, isso indica que os bens estão em desvantagem. Pondera-se que, no longo prazo, se comportando de forma inalterada a



preferência do mercado consumidor, a demanda doméstica para todos os produtos deve crescer no mesmo ritmo que o PIB (LAFAY, 1990).

Sendo assim, os ramos em que a balança comercial cresce em ritmo mais acentuado do que o avanço do PIB, são aqueles que possuem competitividade contra a concorrência estrangeira, haja vista a demanda interna é atendida pela produção local. No obstante, aqueles cuja balança comercial avança mais lentamente em relação ao crescimento do PIB, veem a sua competitividade se corroer, já que uma parte menor da demanda interna é atendida pela produção local (LAFAY, 1990).

3.4 Posição Relativa de Mercado

O cálculo da Posição Relativa de Mercado (PRM), apresentado por Lafay (1990), tem como objetivo mensurar a competitividade de um país frente ao mercado externo. A respeito deste indicador, Silva, Anfalos e Filho (2001) postulam que “para determinar a posição de uma nação no mercado internacional de um produto, é necessário calcular seu saldo comercial ($X_{ik}^t - M_{ik}^t$) em relação ao total do referido produto comercializado no mundo (W_k^t), num determinado ano (t)” (p. 72). Contudo, neste trabalho, identificou-se a posição dos estados produtores de uva em relação ao mercado nacional, conforme apresenta a equação (4):

$$PRM_{ik}^t = \left(\frac{X_{ik}^t - M_{ik}^t}{W_k^t} \right) \times 100 \quad (4)$$

Em que: PRM_{ik}^t =Posição Relativa de Mercado do país i para o bem k no período t ; $X_{ik}^t - M_{ik}^t$ =saldo comercial do estado i para o bem k no período t ; W_k^t =total do produto comercializado no Brasil, isto é, valor total das exportações mais as importações nacionais do produto k no período t .

Utilizando a equação 4 calculou-se o saldo comercial da produção de uva para os estados selecionados neste trabalho em relação à produção total comercializada no Brasil. Conforme Boulhosa e Amin (2004), os resultados deste indicador podem ser interpretados da



seguinte forma: valores positivos indicam saldos superavitários; resultados negativos demonstram um posicionamento relativo deficitário no mercado.

3.5 Fonte de dados

Os dados de exportação e importação foram coletados no Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (Aliceweb2) da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), órgão vinculado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Esses dados se referem a valores anuais em FOB (*Free on Board*), expressos em US\$.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando-se os resultados dos indicadores de VCR, TC, ISCS e PRM (Tabela 2), foi possível identificar a competitividade regional da uva brasileira no comércio internacional. Os resultados apontam que há competitividade da uva produzida nos estados da Bahia e Pernambuco (Vale do São Francisco), para o período aqui analisado. Pode-se perceber que apesar da Bahia ter perdido competitividade menor quando comparada a Pernambuco, de acordo com o VCR, ainda assim é competitiva, pois, os valores obtidos são maiores que 1. Essa redução na competitividade a partir de 2008 pode, conforme Oliveira et al. (2011), ter sido decorrente da exigência, pelas grandes redes de supermercados europeus, maiores demandantes dessa fruta, para a adoção de sistema de certificação, a fim de garantir qualidade e redução no uso de agrotóxicos. Dessa forma, o mercado produtor tem que se adaptar a esse novo padrão de consumo do mercado europeu. Por outro lado, o estado de Pernambuco, maior produtor da região do Vale do São Francisco, apresentou crescimento o que indica, que mesmo assim a região continua com grande competitividade e inserção no mercado internacional.



Tabela 2. Indicadores de competitividade da exportação de uva dos estados da Bahia e Pernambuco, 2005 e 2014

Ano	VCR	Bahia		Pernambuco		
		TC	ICSC	VCR	TC	ICSC
2005	9,33	384,89	0,77	79,28	129,69	7,12
2006	8,87	287,59	0,73	99,07	155,43	8,33
2007	8,96	265,47	0,92	107,78	193,43	10,13
2008	8,78	86,73	0,73	128,35	119,34	8,86
2009	8,68	76,01	0,59	111,40	85,64	6,65
2010	7,09	26,02	0,45	124,75	49,29	6,35
2011	5,85	16,20	0,27	159,52	25,56	4,91
2012	6,87	20,61	0,31	124,96	21,30	3,46
2013	6,91	12,96	0,27	86,16	17,67	2,52
2014	6,64	11,25	0,18	172,73	11,37	2,05

Fonte: dados da pesquisa.

Quanto ao ICSC (Tabela 2), pode-se perceber que há competitividade na comercialização da uva para o todo o período analisado. Nesse dois estados analisados, indicou que essa fruta influencia positivamente a balança comercial brasileira, com destaque para o estado de Pernambuco em que os valores são superiores à unidade. A análise conjunta entre os indicadores VCR e a TC reforçam o potencial de comercialização de uva do Vale do São Francisco, evidenciando que Bahia e Pernambuco se mostraram competitivos, em todo o período analisado, e posicionam-se fortemente no mercado exportador de uva, revelando vantagem comparativa nesse mercado.

As tabelas 3 e 4 apresentam os resultados dos indicadores de VCR, TC e ICSC para as regiões Sul e Sudeste do Brasil.



Tabela 3. Indicadores de competitividade da uva para Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, 2005 e 2014

Ano	VCR	Paraná		Santa Catarina			Rio Grande do Sul		
		TC	ICSC	VCR	TC	ICSC	VCR	TC	ICSC
2005	0,00	0,00	-0,06	0,00	0,00	-0,12	0,00	0,00	-0,01
2006	0,00	0,00	-0,08	0,01	0,01	-0,16	0,00	0,00	-0,01
2007	0,00	0,00	-0,06	0,00	0,00	-0,15	0,00	0,00	-0,02
2008	0,00	0,00	-0,06	0,00	0,00	-0,18	0,00	0,00	-0,01
2009	0,00	0,00	-0,09	0,00	0,00	-0,16	0,00	0,00	-0,03
2010	0,00	0,00	-0,15	0,00	0,00	-0,11	0,00	0,00	-0,03
2011	0,00	0,00	-0,10	0,00	0,00	-0,12	0,00	0,00	-0,03
2012	0,00	0,00	-0,08	0,00	0,00	-0,16	0,00	0,00	-0,04
2013	0,00	0,00	-0,08	0,00	0,00	-0,15	0,02	0,02	-0,04
2014	0,00	0,00	-0,06	0,00	0,00	-0,14	0,00	0,00	-0,06

Fonte: dados da pesquisa.

Os resultados obtidos dos indicadores VCR, TC e ICSC para os estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais, revelam ausência de competitividade no mercado internacional. O $VCR < 1$ e $TC < 1$ indicam que os mesmos não possuem vantagem comparativa revelada nas exportações de uvas. O ICSC apresentou valores negativos para as regiões Sul e Sudeste do Brasil, apesar de serem as maiores produtora de uvas. Tal resultado pode indicar que esses estados destinam sua produção para o mercado interno, seja para consumo sob a forma de fruta fresca ou para a indústria de vinhos e sucos, esse fato foi também observado em Araújo (2004).

Verificou-se, em todo o período analisado, PRM negativos para os estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais (Figura 2). Apesar de ser o maior produtor de uvas, o Rio Grande do Sul também é um dos maiores consumidores do produto, o que explica sua elevada importação do mesmo bem, assim como o Paraná e Santa Catarina. Desta forma, os índices negativos se devem ao saldo comercial negativo para uva.



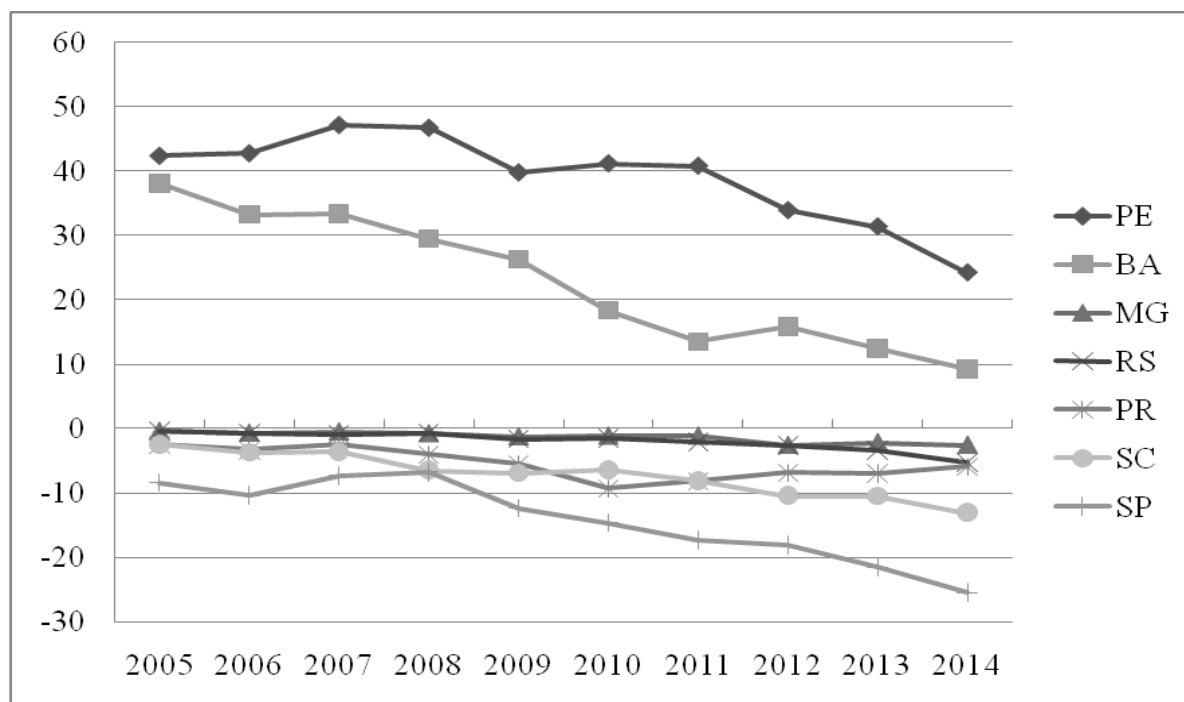
Tabela 4. Indicadores de competitividade da uva para São Paulo e Minas Gerais, 2005 e 2014

Ano	São Paulo			Minas Gerais		
	VCR	TC	ICSC	VCR	TC	ICSC
2005	0,01	0,03	-0,04	0,00	0,00	-0,01
2006	0,00	0,01	-0,04	0,00	0,00	-0,01
2007	0,01	0,03	-0,03	0,00	0,00	-0,01
2008	0,01	0,02	-0,02	0,00	0,00	-0,01
2009	0,01	0,01	-0,04	0,00	0,00	-0,02
2010	0,00	0,00	-0,05	0,00	0,00	-0,02
2011	0,00	0,00	-0,05	0,00	0,00	-0,01
2012	0,00	0,00	-0,05	0,00	0,00	-0,04
2013	0,00	0,00	-0,05	0,00	0,00	-0,03
2014	0,00	0,00	-0,05	0,00	0,00	-0,03

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com a Figura 2, percebe-se que os melhores posicionamentos no mercado são para Pernambuco e Bahia, reforçando novamente o lugar de destaque que esses estados possuem nas exportações brasileiras de uva de mesa.

Figura 2. Posição Relativa no mercado das exportações brasileira de uva, por estado, 2005 e 2014.



Fonte: dados da pesquisa.



Pode-se verificar também que o PRM vem apresentando comportamento descendente, indicando perda no mercado, resultante da redução da demanda externa, atribuída por fatores internos, relativos às condições edafoclimática e redução de investimentos, e externos, crise internacional. De acordo com a IBRAF ([s.d.]), em 2007 os investimentos foram de R\$ 535 milhões para apoiar a comercialização de uva, enquanto em 2010 esse valor reduziu consideravelmente. Isso pode ter gerado esse impacto relevante sobre as exportações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A uva vem ampliando a participação na balança comercial do país, contribuindo para as economias regionais. Dentre os estados produtores, Pernambuco e Bahia apresentaram maior penetração no mercado internacional da fruta, revelando competitividade de acordo com os indicadores aplicados neste estudo. As exportações de uva brasileira apresentaram vantagem comparativa nesses dois estados durante todo o período analisado, configurando, inclusive, pontos fortes na pauta exportadora da região. Essa competitividade pode ser ampliada com a expansão de áreas produtivas e maior incentivo à produção.

Os principais estados produtores de uva das regiões Sul e Sudeste do país, apesar de concentrarem os maiores volumes de produção da fruta, não apresentaram vantagem comparativa no mercado internacional, haja vista que o mercado destino é interno, seja no consumo *in natura* ou na produção de vinhos.

As análises de competitividade das exportações de uva brasileira indicam que a região do Vale do São Francisco tem respondido aos investimentos efetuados, se posicionando em destaque no comércio internacional. Dessa forma, pode-se inferir que são positivas as oportunidades que foram criadas com essa atividade naquela região. Ademais, a estratégia de exportação tem se revelado positiva à medida que contribuiu na geração de divisão regional. Novos desafios e exigências se impõem à manutenção dessa competitividade, especialmente aquelas relacionadas aos novos padrões de exigência do mercado consumidor, e que, portanto os produtores devem se adaptar a fim de manter a vantagem comparativa alcançada.



REFERÊNCIAS

BALASSA, B. **Trade Liberalization and Revealed Comparative Advantage**. The Manchester School of Economic and Social Studies, 1965.

BOULHOSSA, R. L. de M. e; AMIN, M. M. Uma análise da posição competitiva do Brasil no mercado internacional de abacaxi *in natura*. In: **XLII CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**. 2004, Cuiabá.

CAMARGO, U. A.; TONIETTO, J.; HOFFMANN, A. Progressos na viticultura brasileira. **Revista Brasileira de Fruticultura**. vol.33, Jaboticabal Out. 2011.

CORONEL, D. A.; MACHADO, J. A. D.; CARVALHO, F. M. A. Análise da competitividade das exportações do complexo soja brasileiro de 1995 a 2006: uma abordagem de *Market-Share*. **Economia contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 281-307, mai/ago 2009.

FERNANDES, S. M.; WANDER, A. E.; FERREIRA, C. M. Análise da competitividade do arroz brasileiro: vantagem comparativa revelada. Goiás, 2008, 11 p. **XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, 2008, Rio Branco.

FOOD AND AGRICULTURAL ORGANIZATION (FAO). **Statistic**, 2015. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/browse/Q/QC/E>>. Acesso em: 5 jun. 2015.

GUERRA et al. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Embrapa Uva e Vinho Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Embrapa). Conhecendo o essencial sobre uvas e vinhos. **ISSN 1516-8107** n° 48, 69 p. Bento Gonçalves, Junho, 2009.

HIDALGO, A. B. Vantagem Comparativa e recursos naturais no comércio exterior do Nordeste Brasileiro. In: **O Agronegócio Brasileiro: Desafios e Perspectivas**. Brasília: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Brasília (Sober), 1998. p. 265-279.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FRUTAS (IBRAF). Dados sobre exportações. [s.d]. Disponível em: <<http://www.ibraf.org.br>>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FRUTAS (IBRAF). **Chuva e crise reduzem exportação de uva neste ano**. Notícias 13 de janeiro de 2010: Disponível em: <http://ibraf.org.br/news/news_item.asp?NewsID=6396>. Acesso em 24 de julho de 2015.

ILHA, A. S.; WEGNER, R. C.; DORNELLES, J. P. O agronegócio gaúcho na perspectiva da vantagem competitiva revelada (1996-2006). **Análise**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 63-71, jan/jun 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário** – Pesquisa Pecuária Municipal. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.



KREUZ, C.L, et al. Avaliação econômica de alternativas de investimento no agronegócio da uva no meio oeste catarinense. Ver. Bras. Frtíc, Jaboticabal – Sp, v.27, n.2, p. 230-237, Agosto de 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbf/v27n2/a12v27n2.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia Internacional**: Teoria e Política. 6ª ed. São Paulo: Pearson, 2005.

LAFAY, G. Measure des avantages comparatifs révélés. **Économie Perspective Intentionale**, [s.l]. v. 41, n. 1, p. 12-15, 1990.

MELLO, L. M. R. de. **Áreas e Produção de Uva**: Panorama Mundial. Brasília: EMBRAPA, 2009.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). **Culturas**: Soja. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/vegetal/culturas/soja>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC). **Balança Comercial Brasileira**: dados consolidados. Brasília, 2015.

MOTA, C. C. P.; CERQUEIRA, J. S.; REZENDE, A. A. Participação da produção da soja na balança comercial: uma análise comparativa a partir da produção do estado do Mato Grosso, no período de 2002 a 2012. **Revista de Estudos Sociais**, v. 15, n. 29, 2013.

OLIVEIRA et al. Produção integrada no Vale do São Francisco: situação e perspectivas – a produção integrada de uvas como caso de sucesso. **CONBRAV – Congresso Brasileiro de Fitossanidade**: SP, Jaboticabal, p.6, 2011.

PETRAUSKI, S. M. F. C.; MARQUES, G. M.; SILVA, M. L.; CORDEIRO, S. A.; SOARES, N. S. Competitividade do Brasil no mercado internacional de madeira serrada. **Cerne**, Lavras, v. 18, n. 1, p. 99-104, jan/mar 2012.

SOARES, N. S.; SILVA, M. L. Competitividade brasileira no comércio internacional de produtos extrativos vegetais. **Econ. NE**, Fortaleza, v. 44, n. 4, p. 879-893, out/dez 2013.

SILVA V. da; ANEFALOS, L. C.; FILHO, J. C. G. dos R. **Indicadores de competitividade internacional dos produtos agrícolas e industriais brasileiros, 1986-1998**. São Paulo: IEA-SP, 2001. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out//LerTexto.php?codTexto=412>>.

SILVA, J. L. M. S.; MONTALVÁN, D. B. V. Exportações do Rio Grande do Norte: estrutura, vantagens comparativas e comércio intraindustrial. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 46, n.2. Brasília, 2008.

TONIETTO, J; CAMARGO, U.A. **Vinhos tropicais no Brasil e no mundo**. Bom Vivant, Fores da cunha, v.8, n.94, p. 15, dezembro de 2006. Disponível em:



<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/vinhos_tropicais_brasil_mundo.pdf>. Acesso em 20 de julho de 2015.

TONDATO, Cristina. **Caracterização dos canais de marketing da uva de mesa da região noroeste do estado de São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Agronegócios). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2006.

VELOSO et al. Demanda mundial por uvas de mesa e o desempenho das exportações brasileiras no período de 1990 a 2005. XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Rio Branco – Acre, 20 a 23 de julho de 2008.